

*Conferência proferida no II Encontro Catalisador do
CETRANS da Escola do Futuro da USP, realizado no Guarujá,
São Paulo, de 8 a 11 de junho de 2000*

Basarab Nicolescu – Físico teórico do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França (C.N.R.S.). Fundador e Presidente do Centro Internacional de Pesquisas e Estudos Transdisciplinares (CIRET). Autor de várias obras fundadoras do pensamento transdisciplinar, entre as quais: *O Manifesto da Transdisciplinaridade*, 2ª ed., São Paulo, Ed. Triom, 2001; *Ciência, Sentido e Evolução*, São Paulo, Ed. Attar, 1998; *Nous, la particule et le monde*, Paris, ed. Le Mail, 1985.

Fundamentos Metodológicos para o Estudo Transcultural e Transreligioso

1. Introdução:

Em minha palestra do ano passado¹, analisei a metodologia da transdisciplinaridade, que foi expressa mediante três postulados²:

- 1. Há, na Natureza e no nosso conhecimento da Natureza, diferentes níveis de Realidade e, correspondentemente, diferentes níveis de percepção.*
- 2. A passagem de um nível de Realidade para outro é assegurada pela lógica do terceiro incluído.*
- 3. A estrutura da totalidade dos níveis de Realidade ou percepção é uma estrutura complexa: cada nível é o que é porque todos os níveis existem ao mesmo tempo.*

No ano passado descrevi as bases históricas destes três postulados. Os dois primeiros tiram sua evidência experimental da física quântica, enquanto o último tem sua fundamentação não só no campo da física quântica, mas também em uma variedade de ciências exatas e humanas.

É interessante notar que os três postulados da transdisciplinaridade são o equivalente dos três postulados da física moderna como formulados por Galileu Galilei:

- 1. Há leis universais, de caráter matemático.*

¹ Basarab Nicolescu, *Um Novo Tipo de Conhecimento – Transdisciplinaridade*, em *Educação e Transdisciplinaridade*, Brasília, UNESCO, 2000, e em http://www.cetrans.futuro.usp.br/palestra_basarab.htm

² Basarab Nicolescu, *La Transdisciplinarité, Manifeste*, Le Rocher, Monaco, coll. 'Transdisciplinarité', 1996; (*O Manifesto da Transdisciplinaridade*, Ed. Triom, São Paulo, 2ª edição, 2001).

2. Essas leis podem ser descobertas por experimentos científicos.

3. Esses experimentos podem ser perfeitamente repetidos.

No caso da ciência moderna, a universalidade diz respeito às leis da física e, na transdisciplinaridade, diz respeito aos níveis de Realidade. Contudo, a linguagem é diferente: matemática, no caso da ciência moderna, e um novo tipo de linguagem, de natureza simbólica, no caso da transdisciplinaridade.

As leis da física são descobertas através de experimentos que dizem respeito apenas ao Objeto, enquanto nos níveis de Realidade são descobertos através de experimentos envolvendo tanto o Sujeito quanto o Objeto. A lógica da ciência moderna é principalmente binária, enquanto a lógica da transdisciplinaridade é ternária.

A reprodutibilidade se aplica em ambos os casos.

É importante notar que é possível assumir a validade dos três postulados da transdisciplinaridade independentemente de suas raízes históricas em algumas áreas da ciência moderna. Em outras palavras, a transdisciplinaridade não se apoia apenas numa transferência a partir da ciência moderna: isto seria um procedimento epistemológico e filosoficamente errado. Mediante seus aspectos mais gerais, a ciência moderna permitiu que os três postulados da transdisciplinaridade fossem identificados, mas, uma vez que foram formulados, eles têm uma validade muito mais ampla do que na própria ciência moderna. Este é precisamente o ponto de vista adotado nesta conferência, na qual tento analisar como os postulados da transdisciplinaridade podem nos conduzir a uma fundamentação metodológica para o estudo transcultural e transreligioso.

O presente estudo é um trabalho ainda em andamento, exposto pela primeira vez aqui, no encontro do CETRANS, com a finalidade de estimular os debates e a pesquisa.

2. A abordagem transdisciplinar da Natureza e do conhecimento

A abordagem transdisciplinar da Natureza e do conhecimento pode ser descrita pelo diagrama mostrado na Figura 1.

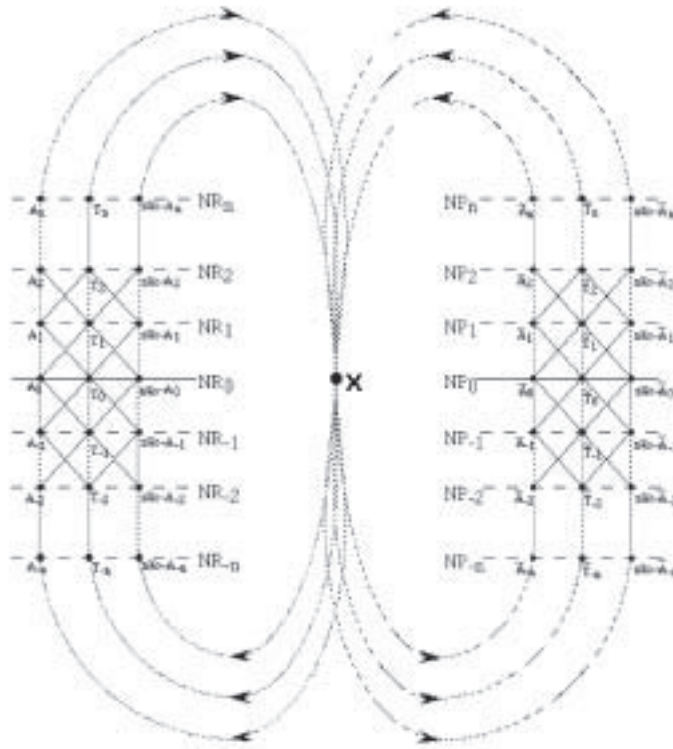


Figura 1: O Objeto transdisciplinar: o Sujeito transdisciplinar e o termo de interação.

Na parte esquerda estão desenhados, simbolicamente, os níveis de Realidade:

$$\{ NR_n, \dots, NR_2, NR_1, NR_0, NR_{-1}, NR_{-2}, \dots, NR_{-n} \}$$

O índice **n** pode ser finito ou infinito

Aqui, o significado que damos para a palavra ‘realidade’ é, ao mesmo tempo, pragmática e ontológica.

Entendemos por ‘Realidade’ (com R maiúsculo) primeiramente aquilo que resiste às nossas experiências, representações, descrições, imagens e mesmo às formulações matemáticas.

Considerando que a Natureza participa no ser do mundo, temos que dar uma dimensão ontológica ao conceito de Realidade. Realidade não é uma mera construção social, o consenso de uma coletividade ou algum acordo intersubjetivo. Também tem uma dimensão trans-subjetiva. Exemplo: dados experimentais podem arruinar a mais bela teoria científica.

Claro que temos de distinguir as palavras ‘Real’ e ‘Realidade’. Real designa aquilo que é, enquanto *Realidade* diz respeito à resistência na nossa experiência humana. Por definição, o ‘Real’ está velado para sempre; enquanto a ‘Realidade’ é acessível ao nosso conhecimento.

Por ‘nível de Realidade’ – noção que introduzi pela primeira vez em minha obra *Nous, la particule et le monde*³ e depois desenvolvi em vários artigos⁴ – designo um conjunto de sistemas que são invariáveis sob certas leis: por exemplo, as entidades quânticas estão subordinadas às leis quânticas, que são radicalmente diferentes das leis do mundo físico. Isto é, dois níveis de Realidade são diferentes quando, ao se passar de um para o outro, há uma quebra nas leis e uma quebra nos conceitos fundamentais (como, por exemplo, a causalidade).

Os níveis de Realidade são radicalmente distintos dos níveis de organização como estes foram definidos nas abordagens sistêmicas. Os níveis de organização não pressupõem uma quebra dos conceitos fundamentais: vários níveis de organização podem aparecer em um único nível de Realidade. Os níveis

³ Basarab Nicolescu, *Nous, la particule et le monde*, Paris, Le Mail, 1985.

⁴ Basarab Nicolescu, *Levels of Complexity and Levels of Reality*, em “The Emergence of Complexity in Mathematics, Physics, Chemistry, and Biology”, Atas das Sessão Plenária da Academia Pontifícia de Ciências, 27-31 de outubro de 1992, Casina Pio IV, Vaticano, Ed. Pontifícia Academia Scientiarum, Cidade do Vaticano, 1996 (distribuído por Princeton University Press); Basarab Nicolescu, *Gödelian Aspects of Nature and Knowledge*, em ‘Systems’ – New Paradigms for the Human Sciences”, Walter de Gruyter, Berlin-New York, Ed. Gabriel Altmann and Wlaler A. Koch, 1998 (Aspectos gödelianos da natureza e do conhecimento, em www.cetrans.futuro.usp.br); Michel Camus, Thierry Magnin, Basarab Nicolescu and Karen-Claire Voss, *Levels of Representation and Levels of Representations and Levels of Reality: Towards an Ontology of Science*, em *The Concept of Nature in Science and Theology (part II)*, Genève, Labor et Fides, 1998, pp. 94-103; Basarab Nicolescu, *Hylemorphism, Quantum Physics and Levels of Reality*, em *Aristotle and Contemporary Science*, Vol. I, New York, Peter Lang, 2000, pp. 173-184.

de organização correspondem a diferentes estruturas das mesmas leis fundamentais. Por exemplo, a economia marxista e a física clássica pertencem ao mesmo nível de Realidade.

O surgimento de no mínimo três diferentes níveis de Realidade no estudo dos sistemas naturais – o nível macrofísico, o nível microfísico e o espaço-tempo cibernético – é um evento maior na história do conhecimento. Isso pode nos levar a reconsiderar nossa vida individual e social, a dar uma nova interpretação ao conhecimento antigo, a explorar o conhecimento de nós mesmos de maneira diferente, aqui e agora.

A existência de diferentes níveis de Realidade tem sido afirmada por diferentes tradições e civilizações, porém essa afirmação estava fundamentada no dogma religioso ou na exploração do nosso universo interior.

No nosso século, num esforço para questionar os fundamentos da ciência, Edmund Husserl⁵ e outros estudiosos detectaram a existência de diferentes níveis de percepção da Realidade a partir do sujeito-observador. Contudo, esses pensadores foram marginalizados pelos filósofos acadêmicos e mal compreendidos pelos físicos, com cada área tendo sido apreendida na sua respectiva especialização. Na verdade, esses novos pensadores foram pioneiros na exploração de uma realidade multidimensional e multirreferencial, na qual o ser humano é capaz de recuperar seu lugar e sua verticalidade.

A perspectiva que estou apresentando aqui está totalmente de acordo com aquela dos fundadores da mecânica quântica: Werner Heisenberg, Wolfgang Pauli e Niels Bohr.

Na verdade, Werner Heisenberg chegou muito perto, em seus escritos filosóficos, do conceito de ‘nível de Realidade’. Em seu famoso *Manuscript of the year 1942* (publicado somente em 1984) Heisenberg, que conhecia bem Husserl, introduz a idéia de três *regiões de realidade*, capaz de dar acesso ao próprio conceito de ‘realidade’: a primeira região é aquela da física clássica; a segunda, da física quântica, da biológica e dos fenômenos psíquicos; e a terceira, da religião e das experiências filosóficas e artísticas⁶. Essa classificação tem um fundamento sutil: a

⁵ Edmund Husserl, *Méditations cartésiennes*, Paris, Vrin, 1966.

⁶ Idem, *ibidem*.

conectividade cada vez maior entre o Sujeito e o Objeto.

O ponto de vista transdisciplinar nos permite considerar uma realidade multidimensional, estruturada por múltiplos níveis, ao invés do nível único, da realidade unidimensional do pensamento clássico

Conforme a abordagem transdisciplinar, a Realidade é estruturada em diferentes níveis. E o fato de o número deles ser finito ou infinito não é uma questão fundamental para as considerações que farei a seguir. Para a clareza da exposição, suponhamos que esse número seja infinito (ou seja, tomamos $n \rightarrow \infty$ na Figura 1).

Dois níveis adjacentes na Fig. 1 (digamos, NR_0 e NR_1) estão conectados pela lógica do terceiro incluído, uma lógica nova se comparada à lógica clássica.

A lógica clássica está fundamentada em três axiomas:

1. *O axioma da identidade*: A é A.
2. *O axioma da não-contradição*: A não é não-A.
3. *O axioma do terceiro excluído*: não existe um terceiro termo T ('T' de 'terceiro') que é ao mesmo tempo A e não-A.

Como expliquei no ano passado, chega-se imediatamente à conclusão de que os pares de contraditórios mostrados pela física quântica são mutuamente exclusivos, pois ninguém pode afirmar a validade de uma asserção e de seu oposto ao mesmo tempo: A e não-A.

A maior parte das lógicas quânticas⁷ modificou o segundo axioma da lógica clássica – o axioma da não-contradição – introduzindo a não-contradição com vários valores de verdade no lugar do par binário (A e não-A). A história dará crédito a Stéphane Lupasco (1900-1988) por ter mostrado que a lógica do terceiro incluído é uma lógica verdadeira, formalizável e formalizada, polivalente (com três valores: A, não-A e T) e não contraditória⁸.

Nossa compreensão do axioma do terceiro incluído – exis-

⁷ T. A. Brody, *On Quantum Logic*, em *Foundation of Physics*, vol. 15 nº 5, 1984, pp. 409-430.

⁸ Stéphane Lupasco, *Le Principe d'antagonisme et la logique de l'énergie*, Le Rocher, Paris, 1987 (2ª edição), prefácio de Basarab Nicolescu; *Stéphane Lupasco – L'homme et l'oeuvre*, coll. "Transdisciplinarité", Le Rocher, Mônaco, 1999 (*Stéphane Lupasco – O Homem e a Obra*, Ed. Triom, São Paulo, 2001).

te um terceiro termo que é ao mesmo tempo A e não-A – é completamente clareada quando a noção de ‘níveis de Realidade’ é introduzida.

Para podermos obter uma imagem clara do significado do terceiro incluído, representamos na Fig. 2 os três termos da nova lógica – A, não-A e T – e representamos a dinâmica associada a eles por um triângulo no qual um vértice está situado em um nível de Realidade e os dois outros em outro nível de Realidade. O *meio incluído* é de fato um terceiro incluído. Se permanecemos em um único nível de Realidade, toda a manifestação parece uma luta entre dois elementos contraditórios. A terceira dinâmica, aquela do estado-T, é exercida em um outro nível de Realidade, onde aquilo que percebemos como desunido está de fato unido e aquilo que parece contraditório é percebido como não contraditório.

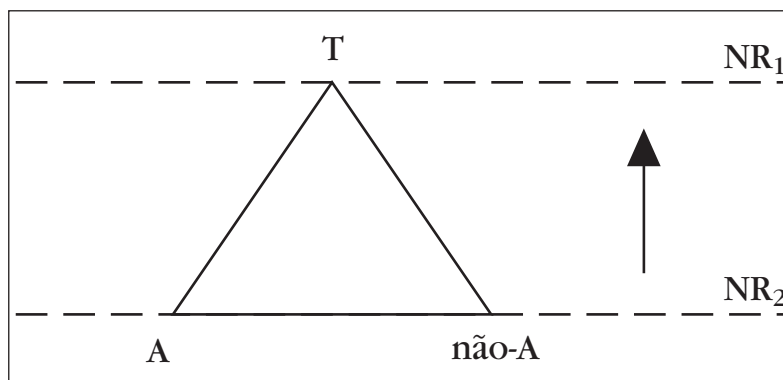


Figura 2: Representação simbólica da ação da lógica do 3º incluído

É a projeção do estado-T num mesmo nível de Realidade que produz a aparência de pares antagônicos mutuamente exclusivos (A e não-A). Um mesmo nível de Realidade só pode produzir oposições antagônicas. Isso é inerentemente autodestrutivo se for completamente separado de todos os outros níveis de Realidade. Um terceiro termo situado no mesmo nível de Realidade que os opostos A e não-A, não pode efetuar sua reconciliação.

O estado-T₁ presente no nível NR₁ (ver Fig. 1) está conec-

tado a um par de contraditórios (A_0 e não- A_0) num nível imediatamente adjacente. O estado- T_1 permite a unificação dos contraditórios A_0 e não- A_0 , mas essa unificação ocorre num nível diferente do NR_0 no qual A_0 e não- A_0 estão situados. Com isso, o axioma da não-contradição é respeitado.

Certamente há uma coerência entre os diferentes níveis de Realidade, ao menos no mundo natural. Na verdade, parece que uma imensa autoconsistência – um *bootstrap* cósmico – governa a evolução do universo, do infinitamente pequeno até o infinitamente grande, do infinitamente breve ao infinitamente longo. Um fluxo de informações é transmitido de forma coerente de um nível de Realidade ao outro em nosso universo físico.

A lógica do terceiro incluído é capaz de descrever esta coerência entre esses níveis de Realidade, através de um processo interativo definido pelos seguintes estágios: (1) um par de contraditórios (A_0 , não- A_0) situados em um certo nível NR_0 da Realidade é unificado por um estado- T_1 num nível contíguo NR_1 da Realidade; (2) esse estado- T_1 está ligado, por sua vez, a um par de contraditórios (A_1 , não- A_1) situados em seu próprio nível; (3) este par de contraditórios (A_0 , não- A_0) é, por sua vez, unificado por um estado- T_2 situado num terceiro nível de Realidade NR_2 imediatamente contíguo ao nível NR_1 no qual o ternário (A_1 , não- A_1 , T_1) se encontra. O processo interativo continua assim indefinidamente até que todos os níveis de Realidade, conhecidos ou concebíveis, sejam esgotados.

Em outras palavras, a ação da lógica do terceiro incluído nos diferentes níveis de Realidade induz a uma estrutura aberta da unidade dos níveis de Realidade. Essa estrutura tem consequências consideráveis para a teoria do conhecimento, pois implica na impossibilidade de uma teoria completa e auto-referente.

Com efeito, de acordo com o axioma da não-contradição, o estado- T_1 realiza a unificação de um par de contraditórios (A_0 e não- A_0), mas está associado, ao mesmo tempo, a um outro par de contraditórios (A_1 e não- A_1). Isto significa que, se começarmos com um certo número de pares mutuamente exclusivos, podemos construir uma teoria nova que elimina as contradições num certo nível de Realidade, mas essa teoria sem contradições é temporária, pois conduz inevitavelmente, sob a

pressão conjunta da teoria e da experiência, à descoberta de novos pares de contraditórios, situados em novos níveis de Realidade. Por sua vez, esta teoria seria substituída por outras mais unificadas à medida que novos níveis de Realidade fossem descobertos. Esse processo continuaria indefinidamente sem nunca chegar a uma teoria completamente unificada. O axioma da não contradição é reforçado durante esse processo. Nesse sentido, sem nunca chegarmos a uma absoluta não contradição, podemos falar de uma evolução do conhecimento que abarcaria todos os níveis de Realidade, num conhecimento para sempre *aberto*.

Na esfera dos níveis de Realidade *per se*, o que está em cima é igual ao que está embaixo. A matéria mais fina penetra a matéria mais densa, assim como a matéria quântica penetra a matéria macrofísica, porém o inverso não é verdadeiro. *Graus de materialidade* induzem a orientação de uma flecha traçando a transmissão de informação de um nível ao outro. Nesse sentido, o que está embaixo não é o mesmo que está em cima, as palavras ‘em cima’ e ‘embaixo’ não têm aqui outro sentido (espacial ou moral) do que aquele que é topologicamente associado com o fluxo de transmissão de informação. Por sua vez, as flechas de orientação da Fig. 1 estão associadas com a descoberta cada vez mais unificadora de leis gerais.

A estrutura aberta da unidade dos níveis de Realidade está de acordo com um dos resultados científicos mais importantes do sec. XX no que diz respeito à aritmética, o teorema de Kurt Gödel⁹, que estabelece que um sistema suficientemente rico de axiomas conduz inevitavelmente a resultados indecidíveis ou contraditórios. As implicações do teorema de Gödel têm uma importância considerável para todas as teorias de conhecimento, porque não diz respeito apenas ao campo da aritmética, mas a todas as matemáticas, incluindo a aritmética.

A estrutura godeliana da unidade dos níveis de Realidade, associada com a lógica do terceiro incluído, implica numa impossibilidade de construirmos uma teoria completa para des-

⁹ Ver, por exemplo, Ernest Nagel and James R. Newman, *Gödel's Proof*, New York University Press, New York, 1958; Hao Wang, *A Logical Journey – From Gödel to Philosophy*, Cambridge, MIT Press, Massachusetts-London, England, 1996.

crever a passagem de um nível para o outro e, *a fortiori*, para descrever a unidade dos níveis de Realidade.

Se tal unidade existe, este elo entre todos os níveis de Realidade deverá ser necessariamente uma unidade aberta.

Para termos certeza, há uma coerência da unidade dos níveis de Realidade, mas esta coerência está orientada numa certa direção: como já dissemos anteriormente, existe uma flecha associada à transmissão de qualquer informação de um nível ao outro. Consequentemente, se a coerência for limitada apenas a certos níveis de Realidade, ela se interrompe tanto no nível mais ‘alto’ quanto no mais ‘baixo’. Se quisermos sugerir a idéia de uma coerência que continue para além destes dois níveis limítrofes, de modo que haja uma unidade aberta, temos de conceber a unidade dos níveis de Realidade como uma unidade que se estende a uma zona de *não resistência* às nossas experiências, representações, descrições, imagens e formulações matemáticas. Essa zona de não resistência corresponde ao ‘véu’ ao qual Bernard d’Espagnat se referiu como sendo ‘o véu do Real’.¹⁰ Tanto o nível mais ‘alto’ quanto o mais ‘baixo’ da totalidade dos níveis de Realidade estão unidos por uma zona de transparência absoluta. Porém, esses dois níveis são diferentes e, portanto, do ponto de vista de nossas experiências, representações, descrições, imagens e formulações matemáticas, a transparência absoluta funciona como um véu. De fato, a unidade aberta do mundo implica que aquilo que está ‘embaixo’ é o mesmo que o que está ‘em cima’. As correspondências entre ‘em cima’ e ‘embaixo’ são estabelecidas pela zona de não resistência. *Nessa zona não há níveis de Realidade.*

A não resistência dessa zona de transparência absoluta é devida, simplesmente, às limitações dos nossos corpos e dos nossos órgãos sensoriais – limitações que se aplicam indiferentemente das ferramentas de medição que utilizamos para estender esses órgãos sensoriais. A zona de não resistência corresponde ao sagrado – *àquilo que não se submete a nenhuma racionalização.*

É importante notar que os três *loops* de coerência da Fig. 1 não estão situados apenas na zona em que os níveis de

¹⁰ Bernard d’Espagnat, *Le Réel voilé – Analyse des concepts quantiques*, Paris, Fayard, 1994.

Realidade estão ausentes, mas também entre os níveis de Realidade: a zona de não resistência do sagrado penetra e cruza os níveis de Realidade. Em outras palavras, a abordagem transdisciplinar da Natureza e do conhecimento oferece uma ligação entre o *Real e a Realidade*.

A unidade dos níveis de Realidade e sua zona complementar de não resistência constituem o que chamamos de *Objeto transdisciplinar*.

Um novo *Princípio de Relatividade* emerge da coexistência entre a pluralidade complexa e a unidade aberta: *nenhum nível de Realidade é um lugar privilegiado a partir do qual se possa compreender todos os outros níveis de Realidade*. Um nível de Realidade é o que é porque todos os outros níveis existem ao mesmo tempo. Esse princípio de Relatividade é o que origina uma nova perspectiva na religião, na política, na arte, na educação e na vida social. E quando a nossa perspectiva sobre o mundo muda, o mundo muda. Na visão transdisciplinar, a Realidade não é só multidimensional, é também multirreferencial.

Os diferentes níveis de Realidade são acessíveis ao conhecimento humano graças à existência de diferentes níveis de percepção, descritos diagramaticamente à direita da Fig. 1. Eles se encontram em uma relação de correspondência com os níveis de Realidade. Estes níveis de percepção:

$$\{ NP_n, \dots, NP_2, NP_1, NP_0, NP_{-1}, NP_{-2}, \dots, NP_{-n} \}$$

permitem uma visão cada vez mais geral e unificadora da Realidade, sem jamais esgotá-la inteiramente.

Como no caso dos níveis de Realidade, a coerência dos níveis de percepção pressupõe uma zona de não resistência à percepção. *Nessa zona não há níveis de percepção*.

A unidade dos níveis de percepção e sua zona complementar de não resistência constituem o que chamamos de *Sujeito transdisciplinar*.

Para que o Sujeito e Objeto transdisciplinares se comuniquem, as zonas de não resistência de ambos deverão ser idênticas. O fluxo de consciência que passa coerentemente através dos diferentes níveis de percepção deve corresponder ao fluxo

de informações que atravessa coerentemente os diferentes níveis de Realidade. Os dois fluxos estão interligados porque compartilham a mesma zona de não resistência.

O Conhecimento não é nem exterior nem interior: é simultaneamente exterior e interior. Os estudos do universo e do ser humano se sustentam um ao outro. A zona de não resistência tem o papel do terceiro secretamente incluído que permite a unificação do Sujeito transdisciplinar e do Objeto transdisciplinar, preservando, ao mesmo tempo, sua diferença.

A unidade aberta entre o Objeto e Sujeito transdisciplinar é dada pela orientação coerente do fluxo de informação, descrito pelos três *loops* orientados da Fig. 1, que atravessam os níveis de Realidade, e pelo fluxo de consciência, descrito pelos três *loops* orientados que atravessam os níveis de percepção.

Esta orientação coerente dá um sentido novo e mais profundo ao fato simples da verticalidade humana no mundo. Ao invés da verticalidade humana individual regida pela lei universal da gravidade, o ponto-de-vista transdisciplinar propõe uma verticalidade consciente e cósmica, atravessando os diferentes níveis de Realidade e de percepção. Na visão transdisciplinar, é essa verticalidade cósmica que constitui a base de qualquer projeto social viável.

Os arcos de informação e consciência têm de se encontrar ao menos num ponto **X**, a fim de assegurar a transmissão coerente de informação e consciência por toda parte das regiões visíveis e invisíveis do Universo. De certo modo, o ponto **X** é a fonte de toda Realidade e percepção. O ponto **X** e os *loops* de informação e consciência que lhe estão associados descrevem o terceiro termo do conhecimento transdisciplinar: *o termo de Interação entre o Sujeito e Objeto, que não pode ser reduzido nem ao Sujeito nem ao Objeto.*

Esta divisão ternária {Sujeito, Objeto, Interação} difere radicalmente da divisão binária {Sujeito, Objeto} que define a metafísica moderna. A transdisciplinaridade estabelece uma ruptura profunda com a metafísica moderna. É graças a essa ruptura que a transdisciplinaridade é capaz de oferecer uma base metodológica para a transcultura e para a transreligião.

O problema Sujeito/Objeto foi central para os 'pais funda-

dores' da mecânica quântica. Pauli¹¹, Heisenberg e Bohr, assim como Husserl, Heidegger e Cassirer, refutaram o axioma básico da metafísica moderna: a distinção clara entre Sujeito e Objeto. Nossas considerações aqui se inscrevem na mesma estrutura.

3. Disciplinas acadêmicas, culturas e religiões

As disciplinas acadêmicas estudam fragmentos de níveis de Realidade. Há varias disciplinas associadas a um único nível de Realidade.

As disciplinas acadêmicas estão conectados exclusivamente ao Objeto, isto é, a apenas uma das três zonas descritas no diagrama da Fig. 1. Baseadas no modelo mecanicista da ciência clássica, elas correspondem a um conhecimento *in vitro*: o conhecimento disciplinar CD (vide Tabela 1). Elas são fortemente orientadas para a dominação do mundo exterior. Por definição, essas disciplinas são supostamente *neutras*, isto é, seu estudo tem de ser realizado de uma maneira independente de qualquer sistema de valores.

Porém, de acordo com o diagrama da Fig. 1, todos estes aspectos são de fato *ad hoc*, artificiais e ilusórios, pois o Objeto está sempre interagindo com o Sujeito, através do terceiro termo, o termo de Interação.

O conhecimento pleno é um novo tipo de conhecimento – o conhecimento transdisciplinar CT, que corresponde a um conhecimento *in vivo*. Esse novo conhecimento concerne à correspondência entre o mundo externo do Objeto e o mundo interno do Sujeito. O conhecimento CT é, na verdade, o *conhecimento do terceiro*. Por definição o conhecimento CT inclui um sistema de valores.

É importante ressaltar que o conhecimento disciplinar e o conhecimento transdisciplinar não são antagônicos, mas complementares. *A metodologia de ambos está fundada na atitude científica.*

¹¹ Wolfgang Pauli, *Writings on Physics and Philosophy*, Berlin-Heidelberg, Germany, Springer Verlag, 1994; K.V. Laurikainen, *Beyond the Atom – The Philosophical Thought of Wolfgang Pauli*, Berlin-Heidelberg, Germany, Springer Verlag, 1988.

CONHECIMENTO CD	CONHECIMENTO CT
<i>in vitro</i>	<i>in vivo</i>
Mundo externo - Objeto	Correspondência entre o mundo externo (Objeto) e o mundo interno (Sujeito)
Conhecimento	Compreensão
Inteligência analítica	Um novo tipo de inteligência – harmonia entre mente, sentimentos e corpo
Orientado para o poder e a posse	Orientado para o deslumbramento e a partilha
Lógica binária	Lógica do terceiro incluído
Exclusão de valores	Inclusão de valores

Tabela 1. Comparação entre o conhecimento disciplinar CD e conhecimento transdisciplinar CT

As considerações acima explicam, de certo modo, a afirmação paradoxal de que o conhecimento transdisciplinar é capaz de trazer uma nova visão, não apenas sobre as disciplinas acadêmicas, como também sobre as culturas e as religiões.

A diferença crucial entre as disciplinas acadêmicas de um lado e as culturas e religiões do outro, podem ser lidas no diagrama da Fig. 1. As culturas e religiões não dizem respeito apenas a fragmentos de níveis de Realidade: elas envolvem simultaneamente um nível de Realidade, um nível de percepção e fragmentos da zona de não resistência do sagrado. Em outras palavras, as culturas e religiões correspondem a uma seção horizontal bem definida do diagrama da Fig. 1.

A resistência implicada pelos níveis de Realidade está conectada com um determinado território no qual determinada cultura ou religião aparece, com os eventos históricos correspondentes pelos quais passou determinada coletividade e com a mistura de diferentes hábitos culturais e religiosos portados por essa coletividade cruzando o território determinado através dos tempos.

A resistência implicada pelos níveis de percepção está liga-

da a uma determinada prática espiritual e a hábitos culturais, associados a uma determinada teologia, uma determinada doutrina religiosa ou a um determinado conjunto de personalidades culturais e seus ensinamentos através dos tempos históricos.

A zona de não resistência do sagrado é, de fato, compartilhada por todas as culturas e religiões. Esse fato pode explicar porque há um desejo inextinguível de universalidade, mais escondido ou menos escondido, em qualquer cultura ou religião, apesar de elas afirmarem uma especificidade absoluta.

As polêmicas contemporâneas a respeito, por exemplo, do *status* de uma disciplina acadêmica como a história das religiões e o violento debate sobre a vida e a obra de seu fundador, Mircea Eliade, são explicadas de maneira simples através do diagrama da Fig. 1. Pede-se à história da religião duas condições mutuamente exclusivas: ser neutra, como qualquer outra disciplina acadêmica, e estudar um fenômeno não-neutro – as religiões. Em outras palavras, pede-se à história da religião que pertença exclusivamente ao lado esquerdo do diagrama da Fig. 1 e, ao mesmo tempo, que pertença ao lado direito do diagrama. É claro que isso é impossível na estrutura da metodologia e da lógica do conhecimento disciplinar. Em minha opinião, a única saída é aceitar a metodologia e a lógica da lógica transdisciplinar.

Como Eliade previu, o problema crucial é o *status* do sagrado.

4. A atitude transreligiosa e a presença do sagrado

O problema do sagrado, entendido como a presença de algo de irredutivelmente real no mundo, é inevitável para qualquer abordagem racional do conhecimento. Podemos afirmar ou negar a presença do sagrado no mundo e em nós, mas para a elaboração de um discurso coerente sobre a Realidade, é obrigatório fazer referência a ele.

O sagrado é aquilo que conecta. O sagrado *liga*, como indica a raiz etimológica da palavra ‘religião’ (*religare* – ‘tornar a ligar’), porém essa habilidade não é atributo de uma religião. Mircea Eliade disse numa entrevista: “O sagrado não implica na

crença em Deus, em deuses ou em espíritos. É... a experiência da realidade e a fonte da consciência de existir no mundo."¹² O sagrado é, antes de mais nada, uma experiência que é transmitida por um sentimento – o sentimento ‘religioso’ – do que liga seres e coisas e, conseqüentemente, induz, no mais profundo do ser humano, a um absoluto respeito para com os outros aos quais ele está ligado por partilhar uma vida em comum na mesma Terra.

A abolição do sagrado levou à abominação de Auschwitz e aos 25 milhões de mortos do stalinismo. O respeito absoluto pelos outros foi substituído por uma pseudo sacralização de uma raça ou de um novo homem, encarnados por ditadores elevados ao posto de divindades.

A origem do totalitarismo está fundamentada na abolição do sagrado. Enquanto experiência do real irreduzível, o sagrado é realmente, como disse Eliade, o elemento essencial na estrutura da consciência e não apenas um etapa na história da consciência. Quando violamos, desfiguramos, mutilamos esse elemento, a história torna-se criminosa. Nesse contexto, a etimologia da palavra ‘sagrado’ é muito instrutiva: deriva do Latim *sacer*, que quer dizer ‘aquilo que não poder ser tocado sem macular’, mas também ‘aquilo que não pode ser tocado sem ser maculado’. *Sacer* indica o culpado, o que foi consagrado aos deuses infernais. Ao mesmo tempo, por causa de sua raiz indo-européia *sak*, sagrado está ligado a ‘santo’. Esse significado duplo de *sacer* – sagrado e mau – é o duplo sentido da própria História, com sua gagueira, suas contorções e suas contradições que muitas vezes dão a impressão que a História é um conto de um homem louco.

É precisamente a noção de sagrado que nos dias de hoje é violentamente criticada nos círculos acadêmicos. Por exemplo, Daniel Dubuisson considera herética a posição de Eliade.¹⁵ De maneira mais sutil, Antoine Faivre considera o sagrado como uma simples suposição que deve ser submetida ao critério popperiano da refutação. Para Faivre, o sagrado é apenas

¹² Mircea Eliade, *L'Épreuve du labyrinthe*, Paris, Picerre Belfond, 1978, p. 175.

¹⁵ Daniel Dubuisson, *Mythologies du XX^e siècle – Dumézil, Lévi-Strauss, Eliade*, Presses Universitaires de Lille, 1993, p. 250; *L'Occident et la religion – Mythes, science et idéologie*, Paris, Éditions Complexe, 1998.

um fenômeno histórico.¹⁴ Não é de modo algum claro que o critério popperiano, que já é duvidoso nas ciências exatas, deva ser aplicado a uma ciência humana como a história das religiões. Alguns historiadores da religião, obcecados pela neutralidade, objetividade e refutação, parecem-me estar na posição dos físicos do sec. XIX. Uma visão muito mais aberta foi tomada por Brian Rennie num livro muito bem documentado: *Reconstructing Eliade*.¹⁵ O tema polêmico do sagrado será discutido num *workshop* que ocorrerá em breve.¹⁶

É paradoxal e significativo que o mais dessacralizado período da História – o nosso – gerou, no entanto, uma das mais profundas reflexões sobre a questão do sagrado fora dos círculos acadêmicos. O problema inevitável do sagrado atravessa a obra dos mais diversos pensadores e autores do século XX, dos mestres do pensar aos mestres do viver.

O modelo transdisciplinar da Realidade traz uma nova luz ao significado do sagrado.

Em termos gerais, movimento é o cruzamento simultâneo dos níveis de Realidade e dos níveis de percepção. Esse movimento coerente é associado simultaneamente a dois significados, a duas direções: um significado ascendente (que corresponde a uma ‘subida’ através dos níveis de Realidade e de percepção) e um significado descendente (que corresponde a uma ‘descida’ através desses níveis). A zona de não resistência absoluta do sagrado surge como a origem desse duplo movimento, que é simultâneo e não-contraditório, subindo e descendendo pelos níveis de Realidade e de percepção. A não-resistência absoluta é claramente incompatível com a atribuição de uma única direção – de subir ou descer – precisamente porque é absoluta.

Essa zona está ‘além’ dos níveis de Realidade e de percepção, no entanto, é um ‘além’ que está conectado aos níveis. A zona de resistência absoluta é o espaço da coexistência da trans-ascendência e trans-descendência. Como *trans-ascendên-*

¹⁴ Antoine Faivre, *L'Ambiguité de la notion de sacré chez Mircea Eliade* (L'ambiguità della nozione di sacro in Mircea Eliade), in *Confronto con Mircea Eliade – Archetipi mitici e identità storica*, Milano, Jaca Book, 1998, pp. 363-374.

¹⁵ Bryan S. Rennie, *Reconstructing Eliade – Making sense of Religion*, Albany-New York, State University of New York Press, 1996.

¹⁶ International Association for the History of Religions (IAHR), Durban, South Africa, 5-12 agosto de 2000 – Symposium *Mircea Eliade's Vision and Our present Understanding of Religion*, convocado por Bryan S. Rennie.

cia, essa zona está ligada ao conceito filosófico de transcendência (que vem de *transcendere* = escalar além). Como *trans-descendência*, está ligada ao conceito de *imanência*. Assim, a zona de não resistência é ao mesmo tempo uma *imanência transcendente* e uma *transcendência imanente*, a primeira acentuando a transcendência e a segunda a imanência. Portanto, esses dois termos são inadequados para designar a zona de não resistência, que aparece como irredutivelmente real e que não pode ser reduzida nem à imanência transcendente nem à transcendência imanente. A palavra *sagrado* é apropriada para designar essa zona de não resistência, do mesmo modo que o terceiro incluído reconcilia a imanência transcendente e a transcendência imanente. O sagrado permite o encontro entre o movimento ascendente e o movimento descendente da informação e da consciência através dos níveis de Realidade e dos níveis de percepção. Esse encontro é uma condição insubstituível para a nossa liberdade e a nossa responsabilidade. Nesse sentido, o sagrado aparece como a última fonte de nossos valores. Ele é o espaço de unidade entre o tempo e o não-tempo, o causal e o acausal.

De uma forma ou de outra, as diferentes religiões, bem como as correntes agnósticas e ateístas, são definidas em termos da questão do sagrado. *A experiência do sagrado é a origem da atitude transreligiosa.*

A transreligião designa a abertura de todas as religiões para aquilo que as atravessa e as transcende.

A transreligião não significa uma religião única, mas a unidade aberta, transcendente de todas as religiões. É o sagrado que permite que essa unidade seja efetiva, mesmo que a transreligião nunca seja formulada em termos de uma teologia. A transreligião seria a ‘religião após a religião’, este belo oxímoro que é o título de um livro do Prof. Steven Wasserstrom.¹⁷

A transdisciplinaridade não é religiosa nem não-religiosa, é transreligiosa. É a atitude transreligiosa que emerge da vivência transdisciplinar que nos permite aprender a conhecer e apreciar a especificidade das tradições religiosas ou não religio-

¹⁷ Steven M. Wasserstrom, *Religion after Religion – Gershom Scholem, Mircea Eliade, and Henry Corbin at Eranos*, Princeton-New Jersey, Princeton University Press, 1999 (Religião após a Religião, Ed. Triom, 2003).

sas que nos são estranhas, para podermos reconhecer melhor as estruturas comuns que as fundamentam e, com isso, chegar a uma visão transreligiosa do mundo.

A atitude transreligiosa não está em contradição com nenhuma tradição religiosa e com nenhuma corrente agnóstica ou ateísta, quando essas tradições e correntes reconhecem a presença do sagrado. Na verdade, *a presença do sagrado é a nossa transpresença no mundo*. Se fosse difundida, a atitude transreligiosa tornaria impossível qualquer guerra religiosa.

O conceito de transreligião que estou formulando aqui é bem próximo ao que o grande poeta árabe Adonis chama de *misticismo da arte*: um movimento em direção ao lado escondido da Realidade, uma experiência vivida, uma viagem perpétua ao coração do mundo, uma unificação dos contraditórios, a infinidade e o desconhecido como aspirações, liberdade em relação a qualquer sistema filosófico ou religioso, criação espontânea num estado transracional.¹⁸ De fato, toda a obra de Adonis tem uma natureza transcultural e transreligiosa, como mostra o livro recente de Michel Camus.¹⁹

A atitude transreligiosa é também muito próxima do que o grande teólogo e filósofo cristão Raimon Panikkar chama de *diálogo intra-religioso*: um diálogo que acontece no mais íntimo de qualquer ser humano.²⁰

A atitude transreligiosa não é apenas um projeto utópico – ela está gravada nas profundezas de nosso ser. Através do transcultural, que conduz ao transreligioso, a guerra entre culturas – uma ameaça crescente em nossos dias – não tem mais razão de existir. Se a atitude transcultural e transreligiosa conseguisse achar seu lugar na modernidade, a guerra entre civilizações jamais ocorreria.

5. Podemos reconciliar as duas culturas?

No começo da história humana a ciência e a cultura eram inseparáveis. Eram fomentadas pelas mesmas questões, aquelas

¹⁸ Adonis, *La Prière et l'épée – Essais sur la culture arabe*, Paris, Mercure de France, 1993, pp. 143-146.

¹⁹ Michel Camus, *Adonis, le visionnaire*, Monaco, Le Rocher, 2000.

²⁰ Raimon Panikkar, *Entre Dieu et le cosmos*, Paris, Albin Michel, 1998.

sobre o sentido do universo e o sentido da vida.

No Renascimento esse elo ainda não havia sido quebrado. Como o próprio nome indica, a primeira universidade era dedicada ao estudo do universal. O universal estava encarnado naqueles que deixariam sua marca na história do conhecimento. Cardan, o inventor dos números imaginários e do sistema de suspensão que leva seu nome, foi matemático, médico e astrólogo: a mesma pessoa que estabeleceu o horóscopo de Cristo foi o autor da primeira exposição sistemática dos cálculos de probabilidades. Kepler foi ao mesmo tempo astrônomo e astrólogo. Newton foi simultaneamente físico, teólogo e alquimista. Ele era tão fascinado pela Trindade quanto pela geometria e gastou mais tempo em seu laboratório alquímico do que na elaboração de sua *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*.

O germe da ruptura entre ciência e sentido, entre sujeito e objeto, estava certamente presente no sec. XVII, quando a metodologia da ciência moderna foi formulada, porém ela só se tornou definitiva a partir do sec. XIX.

A ruptura foi consumada nos nossos tempos. Ciência e cultura não tinham mais nada em comum, por isso falamos de ciência e cultura. A ciência não tem acesso à nobreza da cultura e a cultura não tem acesso ao prestígio da ciência.

Podemos compreender o grito de indignação emitido pelo conceito de *duas culturas* – *cultura científica e cultura humanista* – introduzido há algumas décadas por C. P. Snow, romancista e cientista. A ciência é sem dúvida parte da cultura, mas a cultura científica é completamente separada da cultura humanista. As duas culturas são vistas como antagonistas. Cada um desses mundos – o mundo científico e o mundo humanista – está hermeticamente fechado em si mesmo.

Em tempos recentes, os sinais de uma reconciliação entre as duas culturas estão se multiplicando, principalmente no diálogo entre ciência e arte, que é o eixo fundamental do diálogo entre a cultura científica e a cultura humanista.

Será que esta reconciliação é possível?

Como pode ser lido na Fig. 1, a cultura científica está situada completamente no lado esquerdo do diagrama, enquanto a cultura humanista atravessa os três termos representados no

diagrama. Essa assimetria entre essas duas culturas demonstra toda a dificuldade para a reconciliação, reconciliação esta que só ocorrerá quando houver uma *conversão* da ciência em direção aos valores e em direção ao sagrado, isto é, quando a cultura científica se tornar uma verdadeira cultura. Essa conversão passa inevitavelmente pela conversão dos próprios cientistas. Esse processo já é visível no mundo inteiro, porém os hábitos antigos da mente ainda têm um poder muito forte.

A transdisciplinaridade oferece uma base metodológica para a reconciliação das duas culturas artificialmente antagonistas por elas serem sobrepostas pela unidade aberta da cultura transdisciplinar.

O encontro entre diferentes níveis de Realidade e diferentes níveis de percepção engendra diferentes *níveis de representação*. Imagens correspondentes a um certo nível de representação têm uma *qualidade* diferente das imagens associadas com um outro nível de representação, pois cada qualidade está associada com um determinado nível de Realidade e um determinado nível de percepção. Cada nível de representação aparece como um verdadeiro muro, aparentemente intransponível devido a sua relação com as imagens engendradas por outro nível de representação. Por isso, esses níveis de representação do mundo sensível estão conectados com os níveis de percepção do criador, do cientista ou do artista. A verdadeira criação artística ergue-se como uma ponte entre vários níveis de percepção ao mesmo tempo, engendrando uma *transpercepção*. A transpercepção permite um entendimento global e não diferenciado da totalidade dos níveis de percepção. A transrepresentação e a transpercepção poderiam explicar as similaridades surpreendentes entre os momentos de criação artística e científica, brilhantemente demonstradas num livro do grande matemático Jacques Hadamard.²¹

6. O transcultural e o espelho do Outro

Contemplar a cultura do sec. XX é, ao mesmo tempo, desconcertante, paradoxal e fascinante.

²¹ Jacques Hadamard, *Essai sur la psychologie de l'invention dans le domaine mathématique*, Paris, Gauthier-Villars, 1978.

Desde tempos imemoriais, imensos tesouros de sabedoria e de conhecimento vêm sendo acumulados e, mesmo assim, continuamos a nos matar uns aos outros.

É verdade que os tesouros de uma cultura são virtualmente incomunicáveis à outra: os níveis de Realidade e de percepção são descontínuos. Essa descontinuidade explica porque não podemos traduzir uma cultura nos termos de outra cultura. *As culturas emergem do silêncio entre as palavras e esse silêncio não pode ser traduzido.* Não importa a sua carga emocional, as palavras do dia a dia são dirigidas mais à razão, o instrumento concedido aos seres humanos para sua sobrevivência. Porém, as culturas emergem da totalidade do ser humano numa determinada área geográfica e histórica, contendo todos os seus sentimentos, esperanças, crenças e questionamentos.

Os avanços prodigiosos dos meios de transporte e de comunicação fizeram com que as culturas se intermesclassem. Esse mesclar-se recíproco das culturas é caótico. Eis a prova: as inúmeras dificuldades que são concomitantes à ‘integração’ de diferentes culturas minoritárias em vários países do mundo. Sob que bandeira essa integração fantasmagórica pode ser apresentada? Nem o Esperanto, nem o Volapuk, nem o mais elevado nível de computadorização poderão garantir uma tradução entre culturas. Paradoxalmente, *hoje tudo está aberto e fechado ao mesmo tempo.*

Os avanços avassaladores da tecnociência só serviram para aumentar o abismo entre as culturas. A esperança do sec. XIX de uma cultura única na sociedade mundial, fundada na felicidade trazida pela ciência, ruiu há muito tempo. Ao invés disso, testemunhamos, de um lado, a completa separação entre ciência e cultura e, de outro, uma fragmentação cultural no interior de cada cultura. No outro extremo, testemunhamos o perigo de uma cultura homogênea, única e de baixo nível, como possível resultado da acelerada globalização. O Ocidente tem uma grande responsabilidade: evitar a desintegração cultural resultante do avanço desenfreado da tecnociência.

A fragmentação cultural é sentida no âmago de cada cultura. O *big-bang* disciplinar tem seu equivalente no *big-bang* dos modos culturais, baseado na perda de memória do sagra-

do: *qualquer coisa vale*. Como resultado da inevitável perda dos quadros de referência num mundo cada vez mais complexo, um modo de pensamento é descartado pelo seguinte com uma velocidade cada vez mais rápida. Há já algum tempo, mediante a intervenção de computadores, a velocidade das mudanças dos modos culturais pode chegar à velocidade da luz. Atualmente, a cultura parece uma espécie de lata de lixo monstruosa, na qual defesas estranhas contra o terror do contra-senso proliferam. É claro que, como sempre, o novo está oculto no antigo, no entanto, vai nascendo lenta mas concretamente. Essa mistura ainda informe do novo com o antigo é fascinante, pois por trás de todos os modos culturais diferentes, um novo caminho cultural de ser está tomando forma.

Apesar de sua aparência caótica, a modernidade leva a uma reconciliação entre as culturas. Com uma intensidade infinitamente maior do que nas épocas anteriores, a modernidade traz consigo um ressurgimento da necessidade de unir o ser ao mundo. O potencial para o nascimento de uma cultura de esperança é precisamente equivalente ao potencial para a autodestruição que é engendrado pelo abismo do contra senso.

O *multicultural* mostra que o diálogo entre culturas diferentes é enriquecedor, mesmo se sua meta não é a comunicação real entre culturas. O estudo da civilização chinesa foi certamente frutífero para aprofundar a compreensão da cultura europeia. O multicultural nos ajuda a descobrir a face da nossa própria cultura, tendo como espelho uma outra cultura.

O *intercultural* é claramente assistido pelo desenvolvimento dos transportes e das comunicações e pela globalização econômica. O aprofundamento das descobertas sobre culturas antes pouco conhecidas ou desconhecidas, faz com que potencialidades insuspeitas eclodam em nossa própria cultura. A influência da arte africana contribuiu para o surgimento do Cubismo – esse é um exemplo eloquente de como o contato intercultural pode interferir no desenvolvimento de uma determinada cultura. A face do Outro nos permite conhecer melhor nossa própria face.

Obviamente, o multicultural e o intercultural por si mesmos não garantem o tipo de comunicação entre todas as cultu-

ras, já que isso pressupõe uma língua universal baseada em valores compartilhados, mas certamente constituem passos importantes em direção ao ato da comunicação transcultural.

O transcultural designa a abertura de todas as culturas para aquilo que as atravessa e as transcende.

A realidade de uma abertura como essa é provada, por exemplo, pela pesquisa conduzida por um quarto de século pelo diretor Peter Brook com sua companhia: *Centre International de Créations Théâtrales*.²² Os atores são de nacionalidades diferentes e, assim, estão imersos em culturas diferentes. Mesmo assim, durante a atuação revelam qualidades que atravessam e transcendem as culturas, usando um material amplo, que vai do *Mahabarata* à *Tempestade* de Shakespeare, da *Conferência dos Pássaros* à ópera *Carmen*. O sucesso popular dessas performances em diferentes países do mundo nos mostra que essa abordagem transcultural pode ser tão acessível aos diferentes públicos quanto sua própria cultura.

A percepção do que atravessa e transcende as culturas é, antes de mais nada, uma experiência que não pode ser meramente reduzida a uma questão teórica, mas ela é rica em ensinamentos para a nossa vida diária e para as nossas ações no mundo. Isso indica, de maneira concordante com o Princípio da Relatividade da transdisciplinaridade, que *nenhuma cultura constitui um lugar privilegiado a partir do qual se pode julgar outras culturas*. Cada cultura é a atualização de uma potencialidade do ser humano, num lugar específico da terra e num momento específico da história. Lugares diferentes no mundo e momentos diferentes na história atualizam potencialidades diferentes do ser humano, isto é, culturas diferentes. É a totalidade aberta do ser humano que constitui o 'lugar sem lugar' do que atravessa e transcende as culturas.

A percepção do transcultural é antes de mais nada uma experiência, pois diz respeito ao silêncio de diferentes atualizações. O espaço entre os níveis de percepção e os níveis de Realidade é o espaço desse silêncio; é o equivalente, no espaço interior, daquilo que é chamado de vácuo quântico no espa-

²² Brook, *Les Voies de la création théâtrale XIII*, Paris, Editions du CNRS, 1985.

ço exterior. É um silêncio pleno, estruturado em níveis. Há tantos *níveis de silêncio* quanto há correlação entre níveis de percepção e níveis de Realidade. E, além de todos esse níveis de silêncio, há outra qualidade de silêncio, esse lugar sem lugar que o poeta e filósofo francês Michel Camus chama de *nossa ignorância luminosa*.²³ Esse núcleo de silêncio aparece para nós, pois é a roda insondável do conhecimento e é luminoso porque ilumina a própria estrutura do conhecimento. Os níveis de silêncio e os níveis da nossa ignorância luminosa determinam a nossa lucidez.

Se houver uma língua universal, ela vai além das palavras, pois ela diz respeito ao silêncio que há entre as palavras e o silêncio insondável que é expresso por cada palavra. A língua universal não é uma língua que possa ser capturada num dicionário; é a experiência da totalidade do nosso ser, finalmente reunida para além de suas dez mil formas. É, por sua própria natureza, uma translíngua.

Pela perspectiva física, os seres humanos são iguais: são constituídos pela mesma matéria, acima e além de suas diversas estruturas físicas. Os seres humanos são iguais do ponto de vista biológico: os mesmos genes geram diferentes cores de pele, diferentes expressões faciais, qualidades, defeitos. O transcultural sugere que os seres humanos são também iguais do ponto de vista espiritual, além das diferenças enormes que existem entre as várias culturas. O transcultural é expresso através da leitura simultânea de todos os níveis de silêncio, através de uma multidão de culturas. “*O resto é silêncio*”, conforme as últimas palavras de Hamlet.

Ele é o Sujeito que forja a translíngua, uma linguagem orgânica, que captura a espontaneidade do mundo, além da cadeia infernal de abstração seguida de abstração. O evento de ser é tão espontâneo e súbito quanto um evento quântico. Ele é a sequência de eventos de ser que constitui a verdadeira atualidade, a qual, ai!, não recebe atenção alguma da nossa mídia. E, no entanto, esses eventos são o núcleo da verdadeira comunicação.

Finalmente, o que está no centro do transcultural é o *pro-*

²³ Michel Camus, *Proverbes du silence et de l'émerveillement*, Paris, Lettres Vives, 1989, p. 27.

blema do tempo. O tempo é a medida de mudança de diferentes processos. Como resultado disso, o tempo é sempre pensado no passado e no futuro. É o campo do Objeto. Por outro lado, o tempo vivido na espontaneidade de um evento do ser, o instante presente, é impensável. Como observou Charles Sanders Peirce, um dos grandes precursores da transdisciplinaridade, o momento presente é um ponto no tempo no qual nenhum pensamento pode ocorrer e nenhum detalhe pode ser separado.²⁴

O momento presente é *tempo vivido*. Diz respeito ao Sujeito; mais precisamente, diz respeito àquilo que conecta o Sujeito ao Objeto. O instante presente é, estritamente falando, um não tempo, uma *experiência do terceiro*, da relação entre Sujeito e Objeto; assim, contém em si, potencialmente, o passado e o futuro, o fluxo total de informação que atravessa os níveis de Realidade e o fluxo total de consciência que atravessa os níveis de percepção. O tempo presente é verdadeiramente a origem do futuro e a origem do passado. Diferentes culturas, presentes e futuras, têm extensão no tempo da história, que é o tempo de mudança de estado de ser dos povos e das nações. O transcultural diz respeito ao tempo presente na *transhistória*, noção introduzida por Eliade, que diz respeito ao impensável, ao não pensado e à epifania.

O transcultural é a ponta de lança da cultura transdisciplinar. Culturas diferentes são facetas diferentes do ser humano. O multicultural permite a interpretação de uma cultura por outra, o intercultural permite a fertilização de uma cultura por outra e o transcultural assegura a tradução de uma cultura em várias outras culturas, mediante a decifração do sentido que as une e, ao mesmo tempo, vai além delas.

²⁴ Charles S. Peirce, *Écrits sur le signe*, Paris, Seuil, 1978, p. 22.

*Conferência proferida no II Encontro Catalisador do projeto
“A Evolução Transdisciplinar na Educação” do CETRANS
da Escola do Futuro da USP, que ocorreu no Guarujá,
São Paulo, de 8 a 11 de junho de 2000*

Agustí Nicolau Coll – Intercultura
(Centro para o diálogo intercultural da Catalunha)

Nota do Autor – Mesmo sendo o único responsável pelo conteúdo deste artigo, desejo, no entanto, demonstrar meu reconhecimento a Raimon Panikkar, filósofo catalão-hindu que me fez voltar para o intercultural e também a Robert Vachon, diretor da revista Interculture, do Institut Interculturel de Montréal, e Kalpana Das, diretora deste instituto, pedagoga do intercultural e minha mãe adotiva. São eles os inspiradores deste texto.

As Culturas não são Disciplinas: Existe o Transcultural?

Introdução

Minha intenção, neste artigo, é mostrar que o transcultural, se ele existir, tem uma natureza completamente diferente do transdisciplinar, considerando as diferenças fundamentais entre as ‘disciplinas’ e as ‘culturas’.

Para fazê-lo, vou debruçar-me primeiramente sobre as diferenças fundamentais entre as culturas e as disciplinas, para, em seguida, de forma mais precisa, analisar a noção de cultura, identificando os elementos que a compõem em toda sua complexidade. Em terceiro lugar, abordarei os elementos básicos do pluralismo cultural e um método para o intercultural.

Com todos estes elementos, talvez tenhamos a possibilidade de começar a responder a questão: “O transcultural existe?”

1. As culturas não são disciplinas

Penso que não podemos colocar em um mesmo nível de realidade, ou se vocês preferirem, de coerência, as culturas e as disciplinas, pelo próprio fato de que tanto sua natureza constitutiva quanto sua articulação e desenvolvimento são profundamente diferentes. Exatamente por isso, a transculturalidade, se ela for possível, terá uma natureza completamente diferente da transdisciplinaridade. Para usar as palavras de Panikkar, “(...) as culturas não são espécies de um gênero metacultural”¹, porque cada cultura é uma galáxia em si mesma.

Uma disciplina científica é sempre uma visão dirigida para uma parte do Real, do Todo, visão aleatória em sua amplitude e profundidade, que depende da própria natureza de cada disciplina. Uma disciplina é uma construção metodológica particular que pretende conhecer da melhor maneira possível uma

¹ Cf. Panikkar 1998.